



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

25 DE NOVEMBRO DE 1961
ANO XVII — N.º 462 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

O SEGREDO DA PAZ

Era para escrever «África». Mas não. Neste número será África a escrever-se a si mesma na grandeza de duas cartas, uma da Beira, esta de Lourenço Marques.

Segredo da Paz — disse...! Sim! Quando os homens aprenderem a respeito uns dos outros, a chorar com quem chora e a rir com quem ri — nesse dia, descobriram o mistério do Amor que é o segredo da Paz.

«Tem esta o fim de lhe dar uma grande alegria que tenho e não posso ficar sôzinha com ela...»

«Eles devem estar muito felizes e eu ainda estou mais. Obrigado, meu Deus, obrigado.»

«Foi assim que a minha casa foi feita: Ia à Missa das 5 e às 6 vinha trabalhar. Se não fosse assim, hoje não a tinha. Deus bem sabe, e por isso nos ajudou.»

«No dia que eles entrarem na casa deles é o dia mais feliz da minha vida.»

Quando os sábios do mundo chegarem a esta sabedoria, o mundo terá achado o segredo da Paz.

«Tem esta o fim de lhe dar uma grande alegria que tenho e não posso ficar sôzinha com ela. Deve-se lembrar de uma carta que lhe escrevi e que queria dar uma casa a uma irmã que estava a viver numa barraca. Naquela terra ainda não deram terrenos, por isso não se conseguia. Escrevi a um tio meu para ele me tratar disso, graças a Deus já comprou um bocadinho de terreno e lá vão fazer a casa. No dia que recebi a carta chorei tanto de alegria, ajoelhei-me aos pés do meu Jesus e só fui capaz de dizer lavada em lágrimas de alegria: obrigado meu Deus e santos Padre Américo. Não sei quanto tem-

po estive assim. O santo Padre Américo bem me ouviu. Agora ainda há um problema, é ir o dinheiro. Estou à espera de resposta dum primo que está de férias em Portugal; pedi-lhe para ele dar aí ao meu tio os 12 contos e eu dava-lhos aqui. Se ele não tiver ainda, tenho que lhe pedir Senhor Padre para me autorizar a depositar aqui na sua conta e mando o cheque para depois entregar aí. O meu tio conseguiu comprar as coisas enquanto eles tinham 3.000 escudos mas o terreno custou 6.500\$00; o meu tio diz que os 15.000\$00 que há-de chegar. A casa fica com um quarto para o casal, um para os filhos, outro para as filhas e cozinha e casa de entrada. Diz que vão ficar bem instalados, que a casa onde estavam é inabitável e era uma espelunca miserável. Coitado do meu tio, deve-o ter chocado muito, ele que graças a Deus nada lhe faltou. Deus lhe pague com o Céu todas as passadas que dá pelos meus manos. O meu sobrinho, que tem 15 anos, dizia numa carta: Tios, nem o sol me aquece sem eu estar na minha casa nova; já no domingo apanhei uma barrigada de trabalho a carregar eucaliptos; ainda julgo que é mentira; não é, há-de ser realidade. Já lhe mandei dizer quando trabalha o domingo é preciso ir primeiro à missa. Foi assim que a minha casa foi feita: ia à missa das 5 e às 6 vinha trabalhar. Se não fosse assim hoje não a tinha, Deus bem o sabe, e por isso nos ajudou. Agora quero que mande o jornal para esta direcção. Quero que eles leiam o jornal do Gaiato. Se não fosse eu lê-lo, nunca lhe tinha dado a casinha a eles. Eu é que pago a assinatura. Estou à espera

Como ir ao Calvário?

Numerosas têm sido as perguntas da parte de quem, não tendo carro, é forçado a utilizar os transportes colectivos.

Ora bem: À semana é relativamente fácil, pois há ligação em Paredes ao combóio que sai do Porto às 8,10, pela carreira que vai para Louredo da Serra. Passa mesmo à porta do Calvário.

Aos domingos é que é pior, pois não há a referida carreira. Quem se apea em Paredes do combóio ou camioneta, ou tem um automóvel de aluguer, ou perto de 4 quilómetros a vencer... Mais informamos que de automóvel a viagem custa 15\$00.

Para o regresso há carreira em Eitarães (a cerca de 1 km do Calvário) rente às 15,30.

Aqui têm os devotos do Calvário. Muito obrigado.

Há Pobres com sorte. Sabem advogar a sua causa. Sabem pedir, mesmo enganando... E há-os sem sorte. Não sabem impressionar o coração alheio. E os que, envergonhados, se ficam por casa, vão morrendo à míngua.

Assim as terras. Há-as que prosperam: Unem-se os seus habitantes de maior destaque. Fazem representações junto dos Poderes públicos. Sabem falar. Metem-se empenhos. Jogam-se, até, amizades. E consegue-se a coisa. E há também localidades sem sorte: Seus filhos mais velhos desinteressam-se. Não se lhes dói. Não têm amor à terra que os viu nascer. Escolas e cantinas, estradas e fontenários e lavadouros... tudo isto dá muito que dispendar em passos, tempo e dinheiro. E é mais cómodo nada fazer. Mais prudente nada arriscar, pois antes das escolas o povo vivia... antes das cantinas ninguém morria à míngua... Antes dos fontenários ninguém pereceu de sede... Tais localidades estão votadas ao abandono.

Nós somos contra a mendicância por amor dos Pobres.

As representações junto das Câmaras lembram, um pouco, mendicância. Sobem até elas a escancarar suas necessidades, a fazer valer seus direitos as localidades, onde os grandes se interessam pela prosperidade da sua terra. As outras, porém, são como os Pobres envergonhados. Estacionam. Têm sempre as mesmas necessidades. Ninguém se interessa. Seria bom, creio, que Alguém das Câmaras percorresse periodicamente as freguesias do seu Concelho, inteirando-se directamente das suas urgências e procurando satisfazê-las, com espírito de justiça, já que todos os povos concorrem para o erário público, na medida em que foram colectados.

Em 12 de Maio de 1958, começaram os pedreiros a cortar pedra para a construção da Casa de Jesus Misericordioso. Creio que, pela mesma altura, se iniciaram as obras de pesquisa e exploração de

de receber um aumento de ordenado e quero mandar 200\$00 para o Calvário e junto os 50\$00 da assinatura. Os meus cumprimentos, beijo-lhes as mãos e pedem a benção muito agradecidos. Noémia e Faustino

POÇAS DE MORTE EM ORDINS

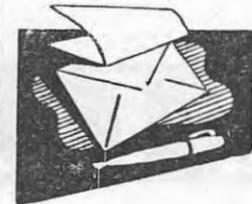
água para os futuros fontenários de Ordins. Encontrou-se água, boa e abundante, mas, na data em que escrevo, Novembro de 1961, ainda não chegou a Ordins, nem se sabe quando, tão precioso líquido.

Num extremo da povoação, havia uma poça, mais que insalubre. Era a fonte do lugar. Os milhares de leitores já conhecem. Foi preciso que, no dia 26 de Março do corrente ano, lá percesse afogada uma criança, para ser transformada num fontenário higiénico. E tudo tão simples: uma pedra por cima e uma bomba! Mas isto custou a vida dum inocente!

Noutro extremo desta populosa povoação, há outra poça, descoberta e sem grades, onde duas famílias vão à água. Dista da casa mais

próxima uns 6 metros. Não sei como ainda lá não caiu nenhuma criança, nem como podem sossegar as mães. Sei apenas, que isto representa um atentado à vida dos inocentes. Esta poça está quase rente ao caminho público e é lá que vão beber e lavar-se as crianças da Escola Primária, distante uns 10 ou 12 metros. Para melhor se ver o perigo que elas correm, esclareço que a poça terá de profundidade 2m, de largura outros tantos e de comprimento 3. Esperar-se-á que também aqui pereça um inocente, para termos mais um fontenário? A água em Ordins custa sangue. Se assim fôr pelo país fora, os fontenários serão das obras mais dispendiosas

PADRE AIRES



Uma Carta

«Deus abençoe a «Obra da Rua» e todos os que a tornam maior aos olhos do mundo.

Perdão vos peço pela minha falta de assiduidade, não cumprindo assim as obrigações que tomei para com a Obra, mas só Deus sabe se me tem sido possível.

Junto envio dois talões de depósitos feitos no B. N. U., na Beira, para o meu Padre lhes dar o destino que indico no verso dos mesmos talões.

Não tenho podido cumprir e enviar 100\$00 por mês para a casa «Nossa Senhora da Boa Hora», por dificuldades que me têm surgido na vida mas sempre que posso não me esqueço de enviar

alguns «tijolos» até completar a casa toda.

Minha mulher é muito doente, pois vive somente com um rim e estava quase proibida pelos médicos de ter mais filhos, desde que há três anos foi operada entre a vida e a morte para dar à luz uma menina, o que deu motivo a que o «embrião» d. mais uma casa do Património dos Pobres fosse lançado, caso se salvasse minha mulher, o que aconteceu, pois Deus escreve direito por linhas tortas...

Ora os médicos diziam que não devia ter mais filhos, mas não era essa a vontade de Deus. Esperá-

continua na página QUATRO



O Queiroz, o «Dado», as galinhas!...

B * e * l * é * m

Desculpe Senhora D. Alice, o muito que a fiz esperar pela minha resposta ao seu estimado postal — e agora aqui a tem, mesmo à cabeça desta nota de presenças à Obra. A sua segunda remessa de bonecas cá chegou sem novidade, mais o resto, e precisamente na altura em que se fazia referência à primeira, a propósito da notícia dos anos do Pintainho. Estava eu a escrever quando me entram pela porta dentro a Fátima e a Licas, esta a rir de muito contente, aquela com os grandes olhos muito abertos e as bochechas ainda mais encarnadas que o costume. Vinham dos C.T.T., de levantar a sua encomenda. As bonecas já vinham a furar o papel, como pintos a sair da casca. A Fátima até já tinha escolhido uma, toda vestida de rendas — um luxo! Espreitei para dentro e vi tal mistura de pernas, braços e godelhas pretas, loiras e ruivas que me lembrei viessem dançando o samba.

Eu estava a achar muita graça a tudo, quando me lembrei do trabalho a montes que havia para fazer naquele fim de semana.

Em casa de Pobres as filhas só pegam nas bonecas quando não há mais que fazer! Entreguei-me do embrulho, mandei as pequenas à sua vida e escapuli-me para o forro, como se levasse algum roubo. Dentro em pouco as monas dormiam descansadas no fundo escuro da arca mágica a que já aqui fiz referência. As pequenas, muito caladas mas com cara de que andava novidade no ar e sempre a olhar-me para as mãos, que as monas não lhe saíram mais do pensamento! Até a Dina, que já tem 12 anos, e às vezes parece

ter mais com os seus ares de gente grande, lamuriava para a Lurdes, enquanto preparava a roupa da semana: — E esta! A nossa mãe nunca mais nos dá as bonecas!...

Mas veio a tarde de domingo, bela tarde de sol! Elas andavam lá fora, na mata. Eu cheguei à varanda, adverti que era uma para cada e atirei-as para baixo. Ó barafunda! Algumas fílgaram logo três ou quatro enquanto outras ficaram a ver navios. Foi preciso recolhê-las e jogá-las de novo, com a recomendação de que quem apanhasse mais que uma perderia o direito à sua. Devia ser sempre assim, quando alguém puxasse os seus interesses acima dos direitos dos outros. Podia ser que se corrigissem os gananciosos...

Ora aqui está como as suas bonequinhas vieram mais uma vez fazer a alegria das belenitas. Deus lhe pague tanto carinho e paciência.

Mais presenças: Cândida Maria de Lisboa, também este ano quis oferecer às belenitas os livros da escola. Como não foram precisos mais, enviou nota de 50\$00 para os cadernos.

Contribuições mensais até Novembro de Maria Cecília e Marido, de Braga.

À Cecília, de Algés, respondo que recebemos tudo o que entregou para nós no «Espelho da Moda».

Visitantes de Viseu deixaram 600\$00.

Professora de Espinho enviou a quantia de 195\$00, importância que as suas alunas da 3.ª classe conseguiram juntar durante o ano lectivo findo. Do casal R. D. de Viseu, 50\$00

para festejar o aniversário do Marido. Roupas de Cândara. Um grupo de empregados da C.U.F. de Lisboa, 50\$00. A costumada nota de 20\$00 mensal de anónimo de Lisboa. Mais 150\$00 de visitantes de Canas de Senhorim e Lisboa.

De Nisa novelos de lã e tecidos. «Pedindo as orações das belenitas pela paz no mundo e em especial do nosso querido Portugal», 500\$00 de Viseu.

100\$00, mais 50\$00 de visitantes de Cantanhede que trouxeram mais uma belenita. Uma mãe envia peças de roupa de sua filha. 200\$00 na data do primeiro aniversário de uma criança, para quem se pede as orações das belenitas. 50\$00 com o pedido duma oração por alma de pessoa amiga. Outro tanto de Santarém.

Ainda 50\$00, mais 50\$00 de Vila de Rei e de visitantes de Castro Daire. Vale de 27\$50, de Maria Alice e outro de 45\$00 de Gina Maria que nunca se esquece, mas não deixa rasto.

De Paço de Sousa, vales de 210\$00, 150\$00, 500\$00 e 580\$00, total dos donativos ali recebidos com destino a Belém. Termina esta nota de presenças com um cheque de mil escudos enviado do Calvário pelo Senhor Padre Baptista.

Estamos a 11 de Novembro, isto é, no dia da distribuição do jornal que dá a notícia dos nossos projectos sobre as novas instalações da Obra. Vamos a ver que boas novas podemos aqui dar de hoje a quinze dias.

INEZ

BELEM — Viseu

TRIBUNA de Coimbra

Dia de Fieis Defuntos. Dia dos mortos falarem aos vivos: hoje eu, amanhã tu.

Ia a sair para confessar os velhinhos do Asilo e celebrar-lhes a Santa Missa. Chega-se a mim um pequenito que diz com muita humildade: a minha mãe mandou-me cá a ver se v. nos dava alguma coisinha, que o meu pai está de cama. Era a primeira vez que ele vinha pedir e nasceu junto de nós. Até aqui, embora sem poder, o pai ia fazendo alguma coisinha e ganhava cinco escudos diários; mas agora, com os pulmões desfeitos e o estômago totalmente ulcerado, já não se pode levantar. A mãe está à espera da hora para dar mais um filho a Deus e à Pátria. Já tem sido mãe vezes sem conta, mas têm morrido definhados. São quatro vivos.

Perguntei ao pequenito quem é que trabalhava e respondeu: ninguém. Quem os governava — e a resposta foi a mesma. Que tinham comido nos últimos dias — e ele responde com toda a candura: não comemos nada.

Conheço a pobre casa onde vivem, que é de telha vã e sem divisões. Sei que a roupa é insuficiente. Agora fiquei a saber que o pai geme de dores e a mãe mal se pode arrastar e os filhos pedem pão.

Profundamente magoado pedi a Deus que me desse a paixão de conhecer e amar cada vez mais os meus Irmãos Pobres.

x x x

Quero também hoje dar testemunho do grande carinho de que sempre somos rodeados na Praia de Mira. Não posso esquecer a tardinha que me habituei a guardar para passar por casa de pessoas amigas em Mira. Já entrou na tradição. Quando chego a uma casa, lá está recado de que não esqueça a outra. Embora não vá por isso, regresso sempre com a renda paga. Este ano levei oitocentos e a merenda mais o jantar.

E agora vamos ver os que nos acompanharam neste cortejo de Obras de Misericórdia que tentamos fazer na vida das Casas do Gaiato:

Visitantes: 20, mais 100, mais 25, mais 50, mais 20, mais 15, mais mil e muito carinho que deixou em todos uma peregrina das Casas do Gaiato; 1.450\$ no Banco E. S. por ordem de A. H. Filipe Fonseca, de Minas, do Brasil. Deve ser um apaixonado nosso como tantos que por lá estão; 40, mais um saco de pão, mais 60, mais 20 para as boroinhas, ao vendedor de Tomar; 500+200 de uma doentinha da mesma terra; um Amigo de Mira com 300+100 no casamento do filho; cem do Luso para a Casa

cuidadosa. Zelam o que é deles!

x x x

Chegou o tractor. A nossa Casa de Setúbal, pela grande extensão de terreno, há muito que precisava dum tractor, por tudo e mais por economia. Ainda não havia, por nos faltar daquilo com que se compram os melões. Como precisamos muito dele e nos deram facilidades de pagamento, comprámos com confiança.

Senhor Padre Acílio fazia-lhe mimos de contente. Quando cá chegou, foi uma algazarra. Todos correram a ver o tractor. Mais uma boca a comer ao fim do mês um rôr de milho...

Ernesto Pinto

das Criaditas dos Pobres. A casa tem demorado tanto que eu já tenho vergonha de falar nela. Espero que tudo esteja pronto e as Criaditas nela a fazer missão divina entre os Pobres para depois pegar num guião e organizar uma procissão para pagarmos as despesas. Até lá (e espero que seja depressa) vou estando em silêncio.

Um sacco de livros de Ervedal da Beira; 2 pneus de Leiria; 20 de Salvaterra do Extremo.

Agora vai passar Coimbra: as primeiras são as duas tripeirinhas com 400, as quais, vezes sem conta têm tomado parte e sempre com o mesmo entusiasmo e amor; alguém com a 7.ª e 8.ª prestação para o Calvário; um pai muito dorido com duas vezes cem; 60 de Glória; 50 no Lar por alma da Mãe; 20 na Rua, muito escondidos na minha mão.

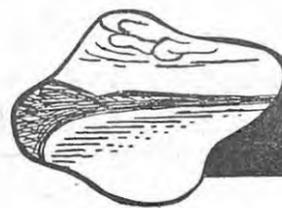
Uma senhora que veio com mil para juntar no céu a tantos mil que tem depositado para o Património, Calvário, Belém e nossos Pobres. Não sabemos quem é. Nem tão pouco é da nossa conta.

560 de promessa, levados ao Lar; 50 de promessa à porta de Santa Cruz; cem a um vendedor; os 50 de sempre quando me encontra; 7\$50 na rua para os Pobres. Gosto sempre tanto daquela pequena quantia! Cem em acção de graças pelo doutoramento do genro e a pedir a Deus que ele seja sempre muito amigo dos Pobres. Que grande coração e que grande espírito de fé o desta Mãe! Deus há-de escutá-la, pois aquele rapaz, ainda no liceu, já tinha esta paixão de amor. Muitos parabéns.

Padre Horácio

Tem amigos? Tem família? Inscreva-os na

CAMPANHA DE ASSINATURAS



SETUBAL

Não conhecia ainda a nossa Casa de Setúbal. Mais nova em idade, mais tenrinha em seiva, é ainda algo difícil para quem trabalha nesta seara humana. O mais difícil não é arranjar pão para a boca, embora isso seja um constante labor dos nossos Padres, cientes da frase de Pai Américo: «Não se pode prégar a estomagos vazios». Mas o que mais custa é formar almas, transformar aquele lodo das ruas em homens de consciência. Chegar à mesa e ter que comer, é já alguma coisa, mas não chega. Tu queres mais, a sociedade exige mais, e Jesus disse que nem só de pão vive o homem. Ora, a formação do rapaz, não é só ensinar-lhe a doutrina religiosa, e deixá-lo ao léu. Para isso ficaria cada um entregue aos Párocos das suas freguesias. O homem que tu precisas dentro da tua loja, na tua oficina ou no escritório, querido leitor, precisa de muitos cuidados. Cuidados que nós não poderemos dispensar, se não tivermos com quê. A «Obra da Rua» precisa de todos, porque é de todos e para todos. Ela limpa a lama das tuas portas. Não a deita fora — transforma-a. A «Obra da Rua» é como uma olaria: Faz

do barro desprezível obras de arte.

Não a deixes pois esquecida, e dá-nos do que não te faz falta... Melhor, se deres do que te faz!

x x x

Há bocado fui à camarata dos mais pequenitos, e ajudei a fazer a cama a um deles. Estico o lençol, mas por mais que o esticasse não dava para cobrir o colchão. Deu-me vontade de rir, por saber que tu te vais rir também, e em seguida vais à arca buscar pano para os nossos lençóis.

x x x

Hoje, logo de manhã, dou com um dos pequenitos com um caozito ao colo. «Apareceu cá ontem». Um outro diz: «Leva-o para o pé do fogão, que lá está mais quentinho». E eu fiquei a olhar aquela cena: eles esquecidos de si mesmos, descalços e com pouca roupa, sem sentirem o seu frio!

x x x

É quase meia noite. Ouço barulho lá fora. São dois rapazes, dos 19 anos, que chegam de bicicleta. Eles andam na Escola Industrial de Setúbal a tirar os cursos de serralheiro e electricista. De dia, têm os seus afazeres cá em casa, e à noite vão para as aulas. Que

eles se não arrependam dos sacrifícios de agora, que um dia, quando as dificuldades os abordarem, terão com que lhes fazer face.

x x x

Abriu mais um Lar. Setúbal tem agora o seu Lar, para abrigar os nossos estudantes. Não há dinheiro para a renda, mas ele já abriga sete dos nossos que frequentam o liceu e a escola industrial. Eu fui lá outro dia, e vi a casa vazia de mobiliário, e outras coisas de que um novo Lar carece. Como no Porto e em Lisboa e em Coimbra, também Setúbal agora. É preciso que os Senhores mai-las Senhoras setubalenses acordem para este novo Lar. Nascendo pequenino, é mais uma grandeza para a Cidade. É preciso que toda a gente conheça a nossa Obra.

x x x

À última da hora, mais esta: Hoje de manhãzinha, vem o Martelo e diz: «Snr. Padre Acílio, a «Lua» teve uma tourinha». O Martelo é um rapaziço ainda, mas é ele e mais outro da sua idade, que tratam da nossa vacaria. E dão conta do recado, a avaliar pelas muitas cabeças de gado que têm de tratar.

Eu fui ver a tourinha, e lá estavam os pequenos tratadores de roda dela, qual mãe



BEIRE

CONFERENCIA

— Poucos foram os que se interessaram pelos nossos Pobres. Apenas uma senhora nos enviou roupas de agasalho. Esperamos que alguns leitores se com-

se encontram os gaiatos. É nesta casa, que se encontram rapazes vindos das outras, para serem mais facilmente na instrução escolar. Aqui há as escolas próprias para a sua capacidade. Se nós somos mais inteligentes do que outros, devemos agradecer a Deus, porque Ele assim o permitiu. São

agradecemos-lhes com más palavras. Todos nós precisamos de quem nos dê bons conselhos, e, temos obrigação de os transmitir aos nossos colegas e fazer-lhes ver estes pormenores.

Quanto aos nossos tropas, tenho a dizer-lhes que o Carlos se encontra no Ultramar ao serviço da Pátria.

nossos rapazes não gostarem de lá estar, não significa que os problemas do campo não devam ser tratados com o mesmo empenho. Pelo contrário. E a prova-lo está que na semana finda ele foi enriquecido com um tractor e pulverizador a motor que muita falta estavam a fazer. E os nossos campones-



PELAS CASAS DO GAIATO

padecem dos Pobres, enviando-lhes géneros, roupas, calçado, tudo o que quiserem dar, que para os pobres tudo interessa.

A nossa conferência está muito fraquinha, mas nunca há-de enfraquecer completamente. Quando não houver que dar aos Pobres, nós, os confrades, continuamos a ir visitá-los semanalmente. Não é só a esmola que tem valor, depende também, da vontade do confrade. Sendo assim praticamos uma das Obras de Misericórdia.

— Hoje, vou-lhes falar um pouco da Casa de Beire. Esta está anexa ao Calvário.

Quem o não conhece? Conhecendo-o, conhecem perfeitamente a Casa do Gaiato. São muitas casas, mas o fundador foi um e a Obra é só uma. Deus queira que esta Obra termine; se terminar é porque não há rapazes e doentes rejeitados, principalmente, pelas famílias. O Calvário e esta Casa, foram dos últimos sonhos que Pai Américo realizou. Há certos prédios, em que os inquilinos se queixam de que a casa dos vizinhos lança um cheiro incómodo. Nós, os gaiatos, que somos vizinhos do Calvário, nunca nos queixamos desse cheiro. O Calvário é um lugar de sofrimento, onde está tudo muito bem ordenado; e esta ordenação, é feita só pelos doentes. É difícil de enumerar os nomes de doentes e rapazes, que passaram pela Obra da Rua. Indo um pouco abaixo, encontramos a casa onde

poucos os que Lhe agradecem.

Os rapazes depois de terem feito o exame do 2.º grau, regressam às suas casas. É por isso, que só temos as oficinas de sapateiro e carpinteiro. Quanto ao trabalho, estamos divididos em grupos. Os que trabalham mais, são sem dúvida, os camponeses. Eu sei que há alguns que morrem por não fazerem nada! Estes, ainda não sabem que do trabalho vive o homem. Se o Pai Américo tivesse sido assim, nós não teríamos tudo isto que é de bom.

Um verdadeiro exemplo no trabalho e na obediência, é o Zézito. Ele dobra os guardanapos e os lenços depressa e bem. Põe-nos em seguida por ordem. Quando lhe pedem para fazer qualquer recado, ele vai e vem de boa vontade. É uma criança defeituosa no corpo, mas tem uma alma igual à nossa ou mais perfeita.

O Senhor Padre Baptista como recompensa, ofereceu aos trabalhadores um pampão a Braga, no fim das colheitas. Este voto já se realizou. Além deste grupo temos os nossos batatinhas.

Quanto à disciplina nem sido um problema difícil. Ainda resta um pormenor que é conhecido em todas as nossas casas. É o seguinte:

Nós não calculamos os trabalhos que têm os nossos Padres e senhoras para que não nos falte roupas, alimentação, educação, etc; Quantas vezes eles precisam de saber o que se passa nas nossas obrigações, ou de nos dar qualquer recado e nós fugimos-lhes ou

O Sediolos está de licença, está à espera de ser chamado. Foi pró Lar do Porto. Estamos à espera dele, para cozer a broa. Coze-a com uma categoria fantástica. O Acácio foi à inspecção e ficou livre. Ele disse que não se importava de ficar apurado, que queria ir para Angola, para a beira dos seus colegas.

Em resumo:

Todos os leitores que quiserem praticar um acto de caridade, podem-nos enviar algumas roupas, géneros, tudo o que quiserem, para os nossos Pobres. Esta é a quadra mais difícil para eles, devido à falta de agasalhos, principalmente.

Todas as semanas temos uma reunião geral, e os confrades só falam neste assunto: Os nossos Pobres estão muito preocupados com o Inverno. Nós distribuímos as roupas que tínhamos em depósito, pelos mais necessitados, sempre em pouca quantidade. Nós, os colaboradores e os Pobres, ficamos pedindo ao Senhor nas nossas orações.

VERGILIO

TOJAL

TRABALHO — Ao começarmos a escrever esta crónica, temos forçosamente (graças a Deus!) de agradecer a todos os nossos amigos assinantes da Capital que não se esqueceram do apelo lançado num dos números anteriores, pedindo trabalho para a Tipografia. Na verdade a nossa oficina viu-se de um momento para o outro com serviço suficiente para mantermos as nossas 3 máquinas a trabalhar. Continuamos a esperar mais e desde já aproveitamos para informar os nossos queridos amigos que ainda este ano dará entrada nas nossas oficinas gráficas uma nova máquina de impressão para, primeiramente, facilitar a aprendizagem dos nossos rapazes e em segundo lugar poderemos servir melhor os nossos actuais e futuros clientes. A máquina destina-se em princípio para a impressão de jornais que esperamos nos sejam encomendados. Depois desta informação queremos agradecer os trabalhos que nos foram enviados pelo Sr. Dr. Hermínio Laborinho; Sr. Morais, que nos deu uma boa encomenda e vai dar-nos mais; Sr. Dr. Silva Nunes, do Hospital D. Estefânia; pelo Hospital da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade; Igreja da Encarnação do Chiado (quantas mais nos podiam ajudar!); Sr. Mateus Pardal e também a todos que no decorrer deste tempo nos forem enviando trabalhos. A todos, bem hajam.

AZEITONA — Este é um dos anos em que a nossa quinta deve ter mais azeitona para colher. Os nossos rapazes há mais de um mês que andam na sua recolha e ainda não ficará toda apanhada até ao fim de Novembro. Não é porque não seja possível. É apenas porque os nossos rapazes não têm ainda aquele brio necessário para produzirem mais do que têm produzido. Na altura em que escrevo (dia de S. Martinho) deram já entrada nos lagares do Sr. Rodrigues (nosso grande amigo) cerca de 4 toneladas de azeitona. Com a que ainda falta apanhar devemos ter umas 6 ou 7 toneladas que correspondem a uns 700 litros de azeite. Se assim for, apenas teremos que comprar 300 litros para somar os 1.000 que anualmente se gastam na nossa Casa. A não ser que a Providência nos envie um senhor que nos ofereça os tais 300 litros... Tudo pode acontecer.

CAMPO — O campo é também uma oficina. O carinho que tem sido dispensado nas outras oficinas tem-no sido também no campo. O facto de os

se viram-se de repente rodeados de quase toda a comunidade que os foram cumprimentar e dar os parabéns por mais este melhoramento. No dia seguinte, como é da praxe, foram homenageados com um almoço servido no Casal Agrícola. Resta-nos agora apelar para os nossos rapazes do campo para que compreendam e acarinhem o esforço e o sacrifício que o Senhor Padre José Maria teve de fazer para que isto se pudesse realizar.

CHEFES — Com a saída do Zé do Porto para o Porto, houve necessidade de renovar o quadro dos chefes subalternos. Assim, temos a substituir o Zé do Porto, — o Rafael (Manhã) que mereceu a confiança do Senhor Padre José Maria para aquele lugar. Na casa dos mais pequenos ficou na mesma o Rogério auxiliado pelo Bucha que é alfaiate. No Casal Agrícola ficou o João Marcello (novo tractorista) e o Bucelas da Tipografia. Aconselhamos aos novos chefes a lerem e meditarem o artigo «Os nossos Maiores» inserido no nosso jornal de 11 de Novembro, em que o Senhor Padre Carlos fala dos chefes eleitos em Paço de Sousa, idos do Tojal e da pena que sente, e que nós também sentimos, de ainda não ter aparecido nesta Casa um que ficasse para a SERVIR.

Que Deus ilumine e enalteça a vossa missão junto daqueles que vos foram confiados.

ESTA ACONTECEU — Paulo e Sarilho tiveram que vir da Ericeira à loja do Sr. Evaristo comprar dois sacos de cimento para as obras da nossa Casa na Praia. Acontece que para chegar ao estabelecimento é preciso atravessar a estrada que vai para a Ericeira. Quer dizer, há um cruzamento. Ora o Paulo antes uns 6 metros deixa o carro de mão e vem ao meio da estrada e faz sinal aos carros de um e outro lado para pararem. Os automobilistas estacam, metendo a fundo os travões. Nesta altura o Paulo faz sinal ao Sarilho para que passe com o carro de mão. Seguidamente aquele manda os carros seguirem e ninguém se aborreceu com o facto porque os condutores dos automóveis riram com gosto do Gaiato. ISTO É A CASA DO GAIATO.

Cândido Pereira

PAÇO DE SOUSA

PLANETA. O Planeta sapateiro também se sai com as suas. E são bem boas!... Foi ao treino com uma valente barrigada de figos e não podia correr nem fazer ginástica...

— Que é que tens?
— Hoje o «tacho» não me caiu bem, estava ensosso...

— Porque comes tanto?
— Palermo, não é de muito comer. Só foi dois pratos de sopa e mais nada. Dois de conduto... e mais nada. Como vês não foi para assustar...

— E como foi essa história de aparecer aqui com essa barriga?
— Só uns figuitos. O saco estava roto...

Há dias andava a cismar porque é que o seu relógio estava parado. Concretamente estava avariado... «Eu a julgar que era tão bom e afinal saí-me uma cebola valente...!» Qual será a sua doença? «Se calhar sofre da apendicite...» Viu-se o que era e o que não era. Para traz e para frente e o relógio parado! Afinal de contas tinha-se esquecido de dar corda... Ora toma!

CÃES. O «Dado» é o «menino bonito». Todos gostam muito dele e lhe fazem festas. E ele merece, porque dedicado, fiel, amigo. Ele não pode estar preso pois chora quando os ra-

pazes passam à sua beira. Não há nenhum cão igual ao «Dado»...

O «Benfica» que é o da Tipografia já não está a cair muito em graça. Vê de ladrar toda a noite à beira da Casa e acorda os condos. Ainda hoje, altas horas da noite, lá se via o Tomá em ceroulas a dar-lhe uma corrida. Todas as noites tem sido assim e «Benfica» começa a ver a sua vida andar ao para traz...

FUTEBOL. No dia de Todos os Santos, os do Lar do Porto jogaram com as nossas reservas de Paço de Sousa, a quem venceram por 5-0. Andam todos contentes pois, apesar de reforçados, não costumam ganhar porque a equipa de Paço de Sousa bastante boa e nunca deixa os seus créditos por mãos alheias. Mas desta vez a rapaziada do Lar foi mais satisfeita e nós também...

SANTO PADRE. O seu anive rsário também cá foi comemorado e corrilho, numa sessão de pé de scalço como Senhor Padre Carlos a cognominou. Falou o Senhor Padre Carlos o Júlio Mendes e houve um filme alguns tenores subiram ao palco onde foram muito aplaudidos. Boapresença, e sempre simpática, do Américo. A alegria dos batatas com o Pardal em «Alice, no País da Bicharada»... As boas vozes do João de Setúbal e do Ramada. Nós também fizemos uma perninha, pois somos dos bês!...

DOURINAS. Começaram as ditas. Dos mais pequenos, a cargo da Senhora; a seguir os do Miguel. Depois Sepadre Manel e Sejaquim com cartarol e tudo. Todas as salas funcionam desde as seis até às sete, isto é depois do trabalho nas oficinas e de mais obrigações, até ao jantar. Hora chéia que faz muito bem. Que todos aproveitem. Esquecia-me de dizer que os grandes, na sala das Escolas com condos e tudo, está a cargo do Senhor Padre Carlos.

COMER. Ontem estragou-se comida. Foi o cabo dos trabalhos. Sepadre Carlos chama à responsabilidade os culpados e, como tem havido muitos estragos em variadíssimos sectores da nossa aldeia e por vários dos meios, resolveu castigar a comunidade inteira. Foi o de comer sopa e pão. Todos teremos de repetir mais todas as coisas e não permitir que se estrague nada do que nos dão para não cairmos em padecer estas faltas que não são nada agradáveis, tanto para quem castiga como para quem cumpre. Nós pelo menos ainda resmungamos, mas não adianta... Vamos todos a bem cumprir?...*

LARANJEIRAS. Tantas. Tão bonitas e tão carregadinhas. Já começaram a ganhar cor as nossas laranjeiras da mata. Sepadre Carlos já fez lume sobre o assunto e é de crer que todos respeitem o que é de toda a comunidade. As laranjas estão a ficar como ouro e é um regalo não só para a vista como mais tarde para os estomagos que tantos são! Vamos querer todos? Pois clar o que sim!

CAMPAÑA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA — Ele há dias em que a gente fervente, contagiado pelo interesse ou desinteresse na Campanha. Hoje é um deles.

Lisboa marca em cheio e só uma lista traz 10 novos leitores numa carta formosa, que termina assim: Perdoai o desabafo de quem com 32 anos, e, com a graça de Deus, bem lançado na vida, tem sido algumas vezes tão comodista!!!

Ora a Campanha poderia não ser verdadeiramente frutuosa, (que é!), mas bastava só esta e ainda mais uma carta que recebemos também de Lisboa, com 5 deles e nota de confidencial, para seguirmos tão fielmente como na primeira hora.

Lisboa não vai adormecer mais, não senhor. Os S.O.S. lançados até pelo nosso Cândido, do Tojal, não-de animar todos os lisboetas amigos da Obra da Rua.

O Porto quebrou o ímpeto! E estou triste. Ver Lisboa a reagir tão eficazmente e a cidade Invicta de braços cruzados! As senhoras maiolos senhores tripeiros não podem desfalecer, que o Porto tem um lugar especial na história da nossa Obra: ai Porto, Porto, quando tardé te conheci!, afirmei o nosso Pai Américo. E lembramos isto como incentivo. Vamos lá ver.

DO MINHO AO ALGARVE — A multidão de enamorados que abunda na provincia não afrouxa. Ele terras novas onde o famoso jamais seria. Ele dedicções sem limite. Ele um entusiasmo que serve de exemplo às grandes urbes, onde o tempo corre sem se dar fé — característica dominante da época que atravessamos.

Eis o desfile sintético, por via do quebra cabeças que é a falta de espaço. Abrem a procissão Vila Franca de Xira, Paramos (Espinho) e Braga. Segue Mangualde, Faro, Vila Nova de Gaia, Calendário (Famalicão), Juncal do Campo, Gandra (Valença), Ermesinde e Cachão (Tua).

ULTRAMAR — Angola, provincia mártir, continua a ter um lugar à parte no coração de todos nós. E ainda que o mundo cego pela torrente das paixões feche os olhos à realidade, Angola é nossa — é Portugal.

Aqui temos Luanda, de archote na mão:

«Consegui hoje mais uma assinatura do Gaiato, que fica a meu cuidado, embora a assinante seja de toda a minha confiança. Agradeço que o jornal lhe seja enviado já no primeiro barco. Lamento não ter conseguido mais assinantes, mas não me tem sido possível... ou talvez eu não tenha actuado com aquela eficiência que seria para desejar, mas quero continuar a tentar v encher a minha inércia, que é maior do que devia ser.»

Eu ando contentíssimo pela assiduidade que Luanda tem mantido nesta secção — atenuando a inércia com que nos recebeu tanto em 1952 como o ano passado.

De Moçambique só uma presença — Chibuto, rica terra do Sul do Save. Mas eu sei que para aquelas bandas se não arrefece facilmente. Por isso, contamos na próxima, se Deus quiser, dar melhores notícias de Moçambique.

JULIO MENDES

DE



Uma Carta

continuação da página UM

vamos agora mais um filho com alegria, agora transformada em tristeza e decepção, pois deu à luz minha mulher um nado-morto, após um parto anormal. Deus nos dê conformação e seja feita a Sua vontade.

Desejava pedir um favor. Que me fosse informado através do «Gaiato» quantas prestações já mandei e quantas me falta ainda mandar, pois espero, se Deus me ajudar, doravante ser mais cumpridor, pois consegui fazer horas extraordinárias no meu trabalho, o que me vem facilitar imenso para poder cumprir. Deus é Grande e infinita a Sua misericórdia.

Parabéns ao Ernesto Pinto pela sua campanha em prol dos filhos de pai incógnito e que não esmoreça, pois lá diz o povo e a voz do povo é a voz de Deus, que água mole em pedra dura... Tenho pai e mãe e Deus nos conserve por muito tempo, mas não concordo com a abominável classificação de «filhos de pai incógnito» que é contra todos os princípios de moral e justiça.

E é tudo por hoje meu Padre. Até breve se Deus quiser e aceite os meus respeitosos cumprimentos e desejos de boa saúde do humilde».

«O Gaiato» foi sempre uma voz destoante do Mundo — e o Mundo gosta desta voz — o que nos dá alegre esperança do não afogamento do Mundo no imundo.

Esta carta é um hino de Fé e confiança heróica. É uma nota dissonante que diz tão bem n' «O Gaiato»!

Enquanto por aí fora tantos lares são convertidos em câmaras de execução à morte — este casal de trabalhadores, expõe-se, contra o conselho da ciência sem Fé e comemora a vitória sobre o risco, expandindo o amor ao seu rebento, em amor ao próximo: «Casa Senhora da Boa Hora».

O Património dos Pobres, em que hora boa tu foste revelado por Deus ao Seu servo Américo, para servir de Altar de louvor e acção de graças às almas a quem a Fé dá Sabedoria que a ciência jamais possuirá!

«Ora os médicos diziam que não devia ter mais filhos, mas não era essa a vontade de Deus». O parecer dos médicos não abafou a vontade de Deus. Nenhum temor de perigo os fez vacilar no caminho do dever. A pena, apenas vem de que «esperávamos mais um filho com alegria, agora transformada em tristeza e decepção, pois deu à luz minha mulher um nado-morto». Porém, «Deus nos dê conformação e seja feita a Sua vontade».

A carta vem da nossa Beira do Indico. Chora de alegria, ao lê-la, o Moçambique inteira, pelo valor de redenção que ela te diz existir no teu Seio!

Hoje volto a falar especialmente a alguns. A tantos que moram nos mais lindos bairros do Porto, em ruas claras e luminosas, onde há jardins tranquilos e um ar lavado e alegre. É que o Barredo, o problema do Barredo, não é apenas do Centro ou até dos que residem ou trabalham na sua vizinhança: é um problema de toda a cidade. É até especialmente um problema que toca muito de perto, que deve tocar muito de perto, aos que residem nos bairros mais ricos e mais salubres do Porto.

Para amar é preciso conhecer. Para amar o Barredo, a sua gente, as suas dificuldades, a sua vida, não há nada como conhecê-lo. E creio bem

que quase todos os que moram longe nunca percorreram de vagar as vielinhas escondidas ali atrás dos arcos da Ribeira.

É certo que está um dia triste. Chove, uma chuva miudinha, rala e leve e tudo escorre humidade. Mas vá, mesmo assim venham connosco dar uma volta pequenina no Bar-

redo. Vamos calados. Silenciosamente. Recolhidamente. Já Pai Américo disse que o Barredo é lugar de Santos e Heróis. Deixemos o carro na Ribeira (ele não cabe no Barredo) e entremos pela Rua S. Francisco de Borja. É uma espécie de corredor estreito e coleante entre casas muito altas. A tarde está no fim e aqui é quase escuro. Que soturnos devem ser estes quartos onde o sol nunca chega!

Alguns prédios têm grades de ferro, ferrugentas, nas janelas, assim a modos de cadeia. E é estranho ver crianças a brincar lá dentro, como se fossem prisioneiros. Continuemos. Mais um pouco e chegamos agora a um pequeno espaço livre. Um galo debica desconsoladamente no lixo e logo adiante algumas crianças brincam, indiferentes à chuva miudinha e lenta. Estamos agora na Rua de Baixo e logo nas Escadas do Barredo.

Reparem: há roupa pendurada por toda a parte, como se tivessem querido assim embandeirar o bairro inteiro. E lá atrás deixamos já um prédio com uma grande casota pendurada onde esvoaçam pombas brancas.

Paremos um pouco no esca-dório. Dois miuditos conversam juntinhos encostados à parede. Devem ter os seus quatro ou cinco anos. Ambos loiritos. Ela tem um casaquinho de malha azul claro, ele uma espécie de sobretudo escuro, grande e mal talhado. Ambos descalços. Falam baixinho e não é fácil compreender que história maravilhosa estará o mais velhito a repetir.

Agora descemos. As pedras gastas pelo uso, com a humidade escorregam e parecem viscosas. Nos cantos, restos de hortaliça, cascas de batata. Crianças, mais crianças. Uns brincam; alguns, muito quietos, talvez sonhem.

Estamos agora próximo dos Arcos da Ribeira. Sente-se o cheiro a vinhos e comidas. Algumas tabernas e logo emergimos da penumbra das vielas e chegamos junto ao rio.

De propósito não entramos hoje em nenhuma casa. Isso ficará para outra ocasião. Como sabem, uma parte desta gente vive em regime de albergaria, habitando cada família em um ou dois aposentos. Assim se compreende a grande densidade da população do Barredo e os difíceis problemas que a falta de espaço constantemente suscita.

É tudo ou quase tudo gente pobre. Homens da estiva, carejonas do Mercado das Frutas, peixeiras, um mundo que vive essencialmente do tráfego do rio e de pequenos serviços nos armazéns ali em torno. Por vezes um ou outro que veio da Província com muitos filhos e acabou por encastrar,

já sem ilusões, no cárcere escuro do Barredo. Salários baixos. Casos frequentes de subemprego. E muitos que esperam e talvez não desejem um trabalho leve...

Pois bem: para este pequeno povo está a trabalhar o Centro Social do Barredo. Para ele o programa que já publicámos. O seu novo edifício encontra-se concluído. Falta-lhe ainda a mobília. Falta muito ainda para liquidar as contas com o empreiteiro. Mas a Direcção do Centro tem confiança e vai teimando. Há agora uma grande Comissão de gente boa que quer apoiá-la e patrocinar a obra junto da cidade do Porto.

Assim aqui ficam estas linhas a pedir-te a ti, que vives nas avenidas alegres e lindas da cidade, a pedir-te que venhas ao Barredo. Silenciosamente. Recolhidamente. Entra no bairro escuro. Olha as pedras gastas. Sorri às crianças. E deixa lá, não tenhas pena, o teu coração.

M. Cruz

Bem Estar Rural de Baião

É com imensa alegria que nós conhecemos e acompanhamos toda a actividade que busque a promoção da pessoa humana a um nível de civilização mais elevado, em que os seus direitos essenciais encontrem resposta adequada. Tal é um estado de Justiça — estado de equilíbrio, porque são satisfeitas as exigências elementares da natureza humana.

Como a natureza humana é espiritual, forçosamente as suas exigências são compostas de elementos espirituais. Por isso, jamais um grau adiantado de civilização material responderá suficientemente às elementares exigências humanas, de modo a constituir o homem em estabilidade perfeita.

A Obra do Bem Estar Rural, empreendida no concelho de Baião por almas inquietas pelo destino do próximo, poderá parecer, pela análise superficial do seu nome, de preocupações predominantemente materiais: Bem-estar!

Não senhor. Esta Obra pretende aproveitar as potencialidades do injustamente abandonado meio rural, para levantar este meio do estado inferior em que sub-vive, a outro em que a natureza humana possa expandir-se em toda a gama dos seus valores materiais e espirituais, temporais e eternos.

A Obra do Bem-Estar Rural de Baião sabe que o problema a que se devotou não é meramente, nem sobretudo, económico; antes um vazio de educação.

Não tenciona, nem directamente lhe cabe modificar a estrutura económica das Famílias daquele feliz concelho. O seu fim é ensinar e ajudar a consumir até às últimas possibilidades os recursos actuais do meio, certa de que essa conquista (de que o próprio meio é protagonista) será o preço principal, e mais saboroso, de uma vida melhor. E a própria elevação do nível humano, pela cultura do espírito, algo redundará em melhoria material.

A sua finalidade diz-no-la o art.º 2.º dos Estatutos: «...elevar o nível de vida de todos os habitantes do concelho, nos seus aspectos, sanitário, económico, social e religioso».

O seu princípio de acção é a Doutrina Social da Igreja, «base do estudo dos problemas sociais do Concelho e da sua solução».

Os meios a empregar no desenvolvimento do seu plano de acção, hão-de ser:

a) Impulsionar e coordenar a colaboração de particulares e entidades individuais ou colectivas, e as actividades e obras locais que possam concorrer para o mesmo fim: promoção do bem-estar dos habitantes do concelho.

b) E, sobretudo, promover a organização de Centros de Extensão Agrícola Familiar nas diferentes freguesias e outras organizações que se julgarem oportunas e necessárias ao desenvolvimento do bem-estar rural».

Em ordem à constituição destes Centros em todas as freguesias do Concelho, funciona já um Curso de preparação de raparigas, que serão as futuras Educadoras Sociais a actuar nos referidos Centros ao serviço das raparigas do seu meio. É obra delas, para elas, que tende a ser cada cada vez mais por elas.

Se tivermos em vista o baixo nível actual das nossas Famílias rurais; se pensarmos um pouco no papel dominante que pertence à mulher na arrancada para uma vida mais humana — com certeza nos encantaremos com as promessas que esta Obra nos traz, promessas que são já realidade consumada aqui e além onde se ensaiaram algumas experiências tímidas e avulsas.

Além do interesse social intrínseco de uma Obra como a do Bem-Estar Rural de Baião, para nós, que temos em meios rurais casas cheias de numerosos rapazes, a maior parte dos quais será chamada à constituição de um Lar — é bem evidente o desvelo com que seguimos tal actividade, e a boa cobiça que alimentamos de a ver também implantada perto de nós.



BARREDO

Flagrantes

«MAE AFLITA». Fui ao Comércio do Porto. Entreguei o donativo, apenas — e as informações fui recebê-las ao «Centro Social do Barredo».

A Senhora que tratou do caso não estava, pelo que fui atendido, e muito bem, por uma menina de lá, sabedora do assunto. Conversámos muito e calmamente:

A mulherzinha é do Barredo. É verdade o caso, ressaltando 15 anos, por 15 meses. No «Comércio do Porto» testemunharam-me que gente se interessa pelo caso e alguns donativos vão chegando. A Cruz Vermelha também por lá foi.

POBRE DA R. S. DINIS — Também lá fui. O marido não estava em casa. Tinha ido ao tratamento. Conversei com a mulher dele:

1.º) Pude reparar que o pequeno quarto não merece os 180\$00 por mês de renda. É tão pequeno! Olhe. Tudo não é mais que um quadrado com 2,5 m. de lado — e reles.

2.º) O homem é de facto extremamente doente. Ele fígado, pulmões, intestinos. Muitos remédios a tomar e mais já tomados. Não trabalha, nem pode tão cedo trabalhar. A mulher é a única que ganha: 120\$ por semana. Os filhos são miúdos e anormais. A renda vai em 4 meses por pagar. É muita miséria!

Zé do Porto

Visado pela
Comissão de Censura